



Comunidade quilombola Serra do Evaristo: uma visita à história do sítio arqueológico funerário do Maciço de Baturité

Serra do Evaristo quilombola Community: a visit to the history of the funeral archaeological site of the Baturité Massif

COELHO SILVA, Antonia Marília¹; PINHEIRO, Carlos Henrique Silva²; OLIVEIRA, Gabriel Jucá Pereira³; SCHNEIDER, Fernanda⁴; SGARBI SANTOS, Jaqueline⁵; SANTANA, Matheus Felipe⁶;

^{1,2,3,4,5,6} Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB);
mariliacoelho@aluno.unilab.edu.br¹; henriquepinheiro@aluno.unilab.edu.br²;
jucagabriel@aluno.unilab.edu.br³; fernanda.schneider@unilab.edu.br⁴;
sgarbi.jaqueline@unilab.edu.br⁵; mattsantt.bjj@gmail.com⁶

Eixo temático: Terra, território, ancestralidade e justiça ambientais

Resumo: É sabido que a formação da sociedade brasileira se deu pelo processo de miscigenação após a invasão de povos provindos da Europa que, consigo, traziam negros escravizados oriundos de muitos países da África, e interações com a forte presença de povos indígenas no território. A partir disso, houve o surgimento de um “novo povo” procedente destes com os nativos, e que muito sofreu no tocante ao preconceito social e cultural que lhes perseguiu e tanto foi fortalecido que se enraizou na estrutura formadora do Estado. A Comunidade da Serra do Evaristo manifesta forte presença de um povo remanescente indígena, o qual teve sua história interligada com a chegada de povos africanos, outrora escravizados, que ali se refugiavam e firmaram sua identidade, construindo o que hoje conta as memórias das origens regionais. Desse modo, este relato propõe apresentar uma experiência vivenciada por estudantes do curso de Agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, na qual foi possível observar e conhecer um pouco acerca das recentes descobertas arqueológicas indígenas, que comprovam a existência de seus antepassados no local.

Palavras-Chave: artefatos; povos nativos; turismo; preservação.

Keywords: artifacts; native peoples; tourism; preservation.

Contexto

A comunidade quilombola Serra do Evaristo, situada a 12 quilômetros(km) da sede do município de Baturité, na região do Maciço de Baturité, destacou-se por descobertas arqueológicas recorrentes. Uma dessas evidências resultou em reconhecimento nacional para a comunidade, pesquisas científicas e um museu comunitário idealizado pelos próprios moradores, para exibição dos materiais ali encontrados, além de abordar narrativas do histórico da região.

A visita ocorreu durante uma aula prática do curso de Agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), com o intuito de conduzir os estudantes a conhecer a comunidade, tal como sua história, organização e práticas de conservação sociocultural. Dessa forma, o relato vem como uma proposta de contribuição para o eixo temático terra, território, ancestralidade e justiça



ambientais, a medida em que aborda questionamentos e reflexões relacionadas aos aspectos histórico-culturais da região, por meio da descoberta de riquezas materiais e imateriais ali presentes, refletindo diretamente na construção identitária atrelada ao território, e a forma como a população da comunidade se articulou para compartilhar sua história.

Descrição da Experiência

Logo que chegaram ao recinto, os estudantes foram recepcionados pelo professor Evandro Ferreira, docente de Língua Portuguesa na escola de ensino fundamental local, e realizou o primeiro momento com a turma, no qual foram compartilhadas informações iniciais quanto a história do povoado de maneira dinâmica e interativa.

Segundo Evandro, calcula-se que existam 170 famílias, divididas entre a comunidade e uma fazenda de 400 hectares (ha) localizada no extremo dos municípios de Capistrano e Baturité. Essas famílias praticam “agricultura de quintal” com hortaliças e outras culturas de sequeiro, como milho (*Zea mays*) e feijão (*Phaseolus vulgaris*). No âmbito de mercado, cultiva-se fortemente a bananicultura, que é comercializada semanalmente nas Centrais de Abastecimentos do Ceará – Ceasa-CE – sem atravessadores, com uma média de 800 pencas de bananas/semana.

A maioria dos artefatos foram, e ainda são, encontrados no contexto da realização de atividades rotineiras (antrópicas e naturais) que modificam a estrutura superficial do solo, como reformas de casas, movimentação nas estradas, chuvas e deslizamentos de terra. Os principais achados tratam-se de louças, como vasos e potes, que, segundo os relatos e as análises, eram usadas pelos moradores como utensílios domésticos. Em uma experiência relatada durante a visita, um morador da comunidade encontrou, durante uma reforma em sua casa, uma urna forjada em barro, contendo ossadas e arcadas dentárias humanas. Na figura 1, é possível visualizar o local onde ocorreu a descoberta, marcado e isolado, como trecho simbólico de uma história construída e resgatada diariamente.



Figura 1. área demarcada de escavação. Fonte: PINHEIRO, 2019.

Logo após as descobertas, a comunidade recebeu a visita do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – autarquia federal brasileira responsável pela preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial do país – juntamente com



a empresa Arquesocio, para avaliar as urnas, concluindo que se tratavam de urnas funerárias datadas do século XIV, aproximadamente. A partir disso, em 25 de setembro de 2013, foi inaugurado o Museu Comunitário da Serra do Evaristo, como resultado da luta dos moradores da comunidade, que se impuseram para garantir a permanência do seu acervo histórico na própria comunidade, já que tinham conhecimento de casos envolvendo desaparecimento de achados em outros sítios.

“Em torno deste museu significa, para a comunidade, a possibilidade de um tipo de turismo ecológico e arqueológico, ainda a ser desenvolvida, visto que é um fato recente, e um desafio, até mesmo para a própria historiografia cearense. ”, cita Luciana Chermont, em sua produção “Identidade e dinâmicas territoriais: uma etnografia na comunidade quilombola Serra do Evaristo”, 2013.

O Museu conta com um grande acervo de urnas funerárias, potes, vasos, machados, ossadas, amostras de rochas, dentre outras peças em exposição. Pode-se colocar como um diferencial do mesmo, a exposição das peças *in loco*, o que normalmente não acontece em outros museus. Esse diferencial é resultado da luta dos moradores para manter sua cultura viva na comunidade.

Resultados

Conhecendo a Serra do Evaristo, notou-se a necessidade urgente de um reconhecimento, por parte do povo brasileiro, a respeito da importância da riqueza identitária contidas nessas comunidades, como uma resposta de resistência a toda negação histórica e social por elas sofrida, mas, sobretudo, como expressão de valorização daquilo que representa as raízes socioculturais dessa terra.

Tendo na agroecologia um estilo de vida, fundamentada, principalmente, na valorização da cultura e ancestralidade de povos tradicionais rurais, vemos na comunidade quilombola Serra do Evaristo um exemplo de luta e soberania. Princípio esse que resultou na materialização da história local através da construção do Museu Comunitário Serra do Evaristo, um projeto que possibilita à comunidade externa conhecer essa memória, que é apenas um fragmento entre tantas outras Brasil afora que seguem invisibilizadas, por representarem a autonomia popular. Além disso, representam uma narrativa encoberta, desde os primórdios da sociedade brasileira, pela própria estrutura do Estado e reproduzida diariamente na forma de preconceito contra qualquer comportamento e costumes divergentes dos ocidentais.

Para mais, e como citou Chermont, o Museu é um mecanismo de fomento à economia associada ao turismo no território, proporcionando ao povo maior propriedade e, conseqüentemente, maior resguardo por aquilo que tanto diz sobre ele. Embora, segundo o senhor Evandro, ainda haja dificuldade de apoio, em especial financeiro, por parte das governanças, já que apesar das arrecadações advindas do turismo e vendas de artesanatos no Museu, as despesas com a manutenção do local são restritas em face da demanda. A organização e natureza coletiva ali cultivadas enaltecem ainda mais o quanto temos a aprender com esses povos e sua história, não



apenas no âmbito da memória temporal, mas acima de tudo nos hábitos que regem suas vivências individuais e comunitárias.

Agradecimentos

Diante de toda a riqueza de conhecimentos adquiridos com essa visita, gostaríamos de agradecer às pessoas que nos receberam na comunidade, na pessoa do sr. Evandro Ferreira. E não apenas aquelas que nos guiaram durante a visita, mas também aos moradores, que se mostraram tão calorosos e atenciosos. Às professoras Fernanda Schneider e Jaqueline Sgarbi por nos proporcionarem essa experiência, que mesmo numa região tão geograficamente próxima a nós, era desconhecida para boa parte dos estudantes. Certamente, foi um momento de intensa reflexão e emoção, em que sentíamos o peso de estar num lugar onde as pessoas se escondiam para conseguir sobreviver, mas ao mesmo instante nos enchíamos de orgulho pela sabedoria e resistência ancestrais ali presente, representadas em cada detalhe da Serra do Evaristo.

Referências bibliográficas

CHERMONT; Luciana D'almeida. **Identidade e dinâmicas territoriais: uma etnografia na comunidade quilombola Serra do Evaristo**. Águas de Lindóia, 2013. 23 f. Disponível em: <http://twixar.me/mqj1>. Acesso em: 02 jul. 2019.